

---

JAZZ

20 ABRIL '07

CHARLES LLOYD  
QUARTET

---

***Culturgest***

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SEX 20 ABRIL 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Saxofone tenor e alto Charles Lloyd  
Piano Jason Moran  
Baixo Reuben Rogers  
Bateria Eric Harland

---

## Breves impressões dispersas sobre um apaixonante andarilho do jazz

---

«Bird discovered the atom and Trane smashed it.»

CHARLES LLOYD

Que o leitor-espectador me releve esta inevitável confissão inicial: das várias notas que tenho tido o prazer de escrever em jeito de apresentação para alguns dos concertos de jazz programados pela Culturgest, aquelas que hoje tentarão propor algumas pistas sobre a música de Charles Lloyd encontram-se, porventura, entre as mais delicadas de alinhar. Isto, pelo facto de ser quase impossível deixar de mencionar algumas memórias de carácter pessoal, tantas vezes abusivas e desajustadas quando parece que tentamos sobrepor-nos ao objecto artístico analisado ou ao seu próprio criador.

Digamos que este é o preço a pagar pelo facto de se ter testemunhado alguns momentos que fizeram as estórias da pequena (e muito superficialmente conhecida) história do jazz em Portugal. Momentos entre os quais jamais esquecerei, precisamente, o do passageiro mas

intenso convívio junto de Charles Lloyd e restantes membros do seu quarteto (Keith Jarrett, Jack DeJohnette, Cecil McBee) no Verão de 1966 (já lá vão 41 anos!), ao ter a rara honra de produzir – no âmbito das emissões regulares do «TV Jazz», que então apresentava na RTP – dois programas com este extraordinário grupo.<sup>1</sup>

Sublinhe-se, aliás, que as gravações na televisão, a par das actuações nessas quentes noites de 21 e 22 de Julho no *Luisiana* de Cascais (propriedade do saudoso Luís Villas-Boas), constituíram o arranque em Portugal para uma triunfal digressão europeia que iria conferir ao quarteto de Lloyd definitiva fama internacional.

Lembro-me, como se fosse hoje, como então nos sentíamos, por momentos, parecendo fazer parte do mundo aberto que sabíamos ser o dos outros – e não abafado pelas fronteiras da ditadura

---

1 - Para que a ficha técnica fique completa – e sendo omissa, no genérico desses dois programas, a referência aos operadores de câmara, que não recordo – é justo referir que os seus cenógrafos e realizadores foram, respectivamente, Hernâni Lopes e Jorge Listopad.

e do obscurantismo – ao convivermos com a intensa e apaixonante liberdade de uma música que, desde a sua génese, se afirmou contra a repressão e a discriminação.

Lembro-me, como se fosse hoje, como a música que Charles Lloyd então nos propunha se revelava uma completa novidade na cena do jazz – sobretudo para nós, europeus – na sua fulgurante e comunicativa mescla de referências jazzísticas, desde a familiaridade da tradição ao grito de revolta do *free jazz*, passando pela fascínio e requiebro de certas melopeias, pela inusitada impressão de uma aparente fusão «electrónica» (no seio de um grupo, afinal acústico!) e pela transfiguração radical dos mais reconhecíveis temas do cancionário norte-americano. E já tornando claro, também, o original engenho na integração de outras correntes culturais (o *rock*) e movimentos comportamentais que tanto marcaram os anos 60 do século passado e, por tabela, a minha geração – capacidade tão bem expressa num álbum seminal como *Forest Flower: Live at Monterey* (1966) e, em especial, na famosa peça homónima que para ele compôs.

De resto, o trajecto da carreira musical de Charles Lloyd ao longo dos anos sempre foi orientado por caminhos de produção criativa e de vivência pessoal que frequentemente se entrecruzavam: por um lado, a fidelidade a elementos matriciais do jazz, como os *blues*, de que foi cultor inicial na colaboração com grandes vultos deste domínio musical; e, por outro lado, o reflexo na sua estética pessoal da gradual evolução

e transformação que ele foi acompanhando (do classicismo à modernidade) através do convívio musical e humano com várias gerações de *jazzmen*, entre eles se contando algumas das maiores personalidades de todo o jazz, como nos dão conta as amplas notas biográficas inseridas nesta folha de sala.

Do mesmo passo, a paixão pela intensa espiritualidade de uma etapa importante da obra de Coltrane ou a opção por uma música ao mesmo tempo telúrica e cerebral, caminhava lado a lado com a particular atenção prestada aos modos orientais e às poliritmias africanas e com a frequência dos mesmos palcos pisados pelos Cream, os Greatful Dead ou Jimi Hendrix. Pode dizer-se, no fundo, que o cativante *melting pot* que a música de Charles Lloyd tão bem traduz está intimamente ligado ao ancestral sangue africano, mongol, Cherokee e irlandês que corre nas suas veias.

Vivendo intensamente o quotidiano até à beira do abismo fatal a que doença grave o ia conduzindo, afastando-se do jazz mais explícito pela escolha conjuntural (anos 70) de outras expressões musicais ou frequentemente optando pela solidão e meditação transcendental no seu retiro isolado de Big Sur, Lloyd regressa subitamente em pleno à cena do jazz em inícios dos anos 80, reconhecendo-se em determinados espécimes da obra que gravou desde a década seguinte para a ECM a invocação e a síntese de muitos dos traços que iluminaram as suas principais etapas estéticas.

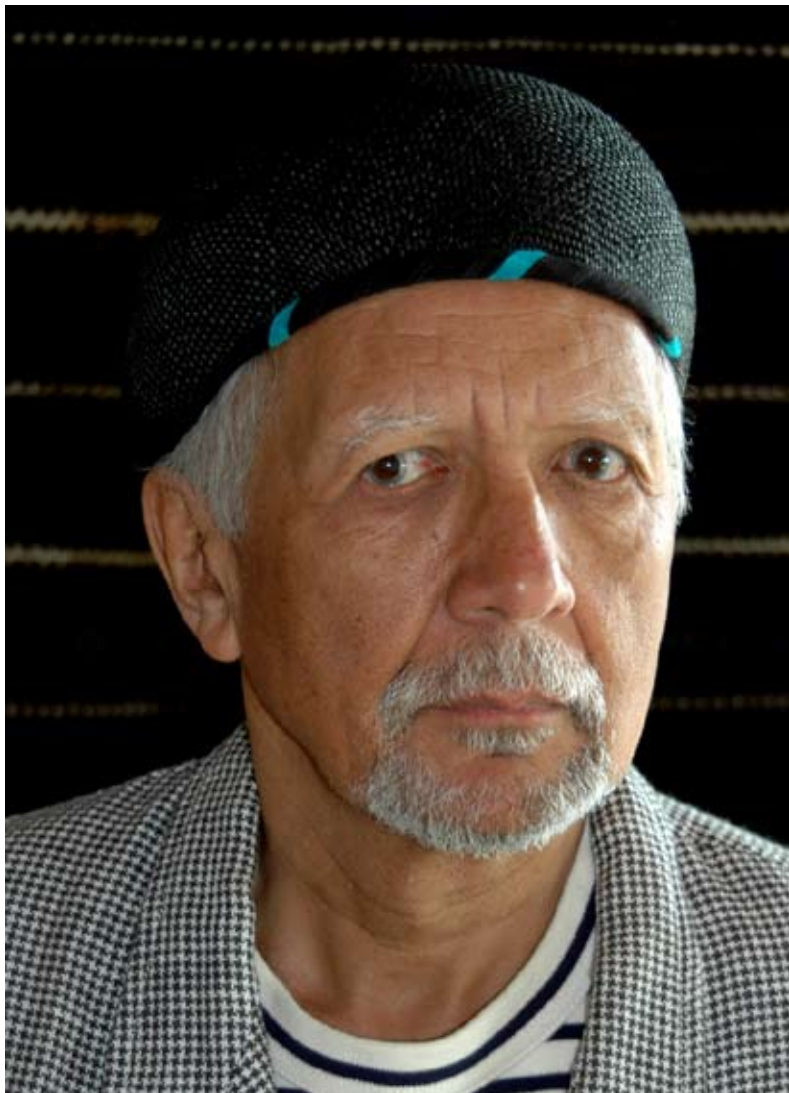
No que toca ao concerto desta noite e não se sabendo se Lloyd utilizará, para além dos habituais saxofones alto

e tenor, a flauta e outras «madeiras» e «palhetas», a constituição de quarteto «clássico» transporta-nos para um provável *aggiornamento* da formação instrumental que lhe deu fama inicial e que aqui já foi referida. Neste sentido, é possível que a música que iremos ouvir-lhe esteja muito mais próxima de *Jumping the Creek*, o álbum que gravou com Geri Allen no piano (2005), do que de *Sangam*, o seu último *opus* discográfico.

Mas a inesperada presença em palco desse impressionante pianista que é Jason Moran, em parceria com os notáveis Reuben Rogers no contrabaixo e Eric Harland na bateria – formação criada especialmente para a presente digressão europeia do mestre e ainda não registada em disco – reforça em alto grau as melhores esperanças para esta noite.

Na realidade, é sabido como Charles Lloyd se sente positivamente à vontade em estruturas muito maleáveis e estimulado pelo desafio dos jovens músicos com que toca (por isso mesmo os escolho!), dando-lhes amplo espaço para a sua criatividade individual; além do mais, a genuína e singular modernidade de Moran é um garante e um motivo de suplementar interesse e expectativa, num concerto já de si altamente prometedor e que se arrisca a marcar o ano pela novidade acrescentada.

MANUEL JORGE VELOSO (ABRIL, 2007)



**Charles Lloyd** nasceu em Memphis, Tennessee, em 15 de Março de 1938. Deram-lhe o primeiro saxofone quando tinha nove anos. As transmissões radiofónicas, na década de 1940, de actuações de músicos como Charlie Parker, Coleman Hawkins, Lester Young, Billie Holiday e Duke Ellington, levaram-no para o jazz. Os seus primeiros professores foram, entre outros, o pianista Phineas Newborn e o saxofonista Irvin Reason. O seu amigo de infância mais próximo era o grande trompetista Booker Little. Na sua juventude Lloyd tocou com o saxofonista George Coleman e acompanhou grandes cantores de blues como Johnny Ace, Bobby Blue Band, Howlin' Wolf e B.B. King.

A música clássica também exerceu grande atracção sobre jovem Lloyd e em 1956 deixou Memphis para ir para Los Angeles obter o seu mestrado em música na University of South California onde estudou com Halsey Stevens, uma reconhecida autoridade em Bela Bartók.

Enquanto os dias eram passados na Universidade, à noite Lloyd completava a sua formação nos clubes de jazz de L. A. onde tocou com Ornette Coleman, Billy Higgins, Scott LaFaro, Don Cherry, Charlie Haden, Eric Dolphy, Bobby Hutcherson e outros proeminentes músicos de jazz da costa Oeste. Foi também membro da *big band* de Gerald Wilson.

Em 1960, com 22 anos, foi convidado para ser director musical do grupo de Chico Hamilton, quando Dolphy saiu para integrar o grupo de Charles Mingus. O guitarrista húngaro Gabor Szabo e o contrabaixista Albert “Sparky” Stinson cedo se juntaram a Lloyd na banda. A música dos mais memoráveis álbuns de Hamilton para a editora Impulse!, *Passin’ Trough*, *Man from Two Worlds*, foi quase integralmente escrita ou arranjada por Lloyd. Durante este período de grande criatividade como compositor foi descobrindo a sua voz única como saxofonista.

No princípio dos anos de 1960 foi para Nova Iorque tocar nos principais clubes de jazz: Five Spot, Birdland, Half Note, Jazz Gallery, Slugs e Village Vanguard. Rapidamente criou amizades com muitos dos mestres que tanto admirava, como Coltrane, Monk, Mingus, Coleman Hawkins ou Miles Davis. Estabeleceu uma colaboração memorável com o mestre percussionista nigeriano Babatunde Olatunji, com quem actuava quando não andava em digressão com o grupo de Hamilton.

Em 1964 passou a integrar o sexteto de Cannonball Adderley, ao lado de Nat Adderley, Joe Zawinul, Sam Jones e Louis Hayes. Nesse ano assinou pela CBS Records e começou a gravar como líder. Nos discos *Discovery* (1964) e *Of Course, Of Course* (1965), que gravou para a Columbia, participaram músicos como Roy Haynes e Tony Williams na bateria, Richard Davis e Ron Carter no contrabaixo, Gabor Szabo na guitarra, Don Friedman no piano. A revista *Down Beat* considerou-o “New Star”.

Lloyd deixou o sexteto de Adderley em 1965 para formar o seu próprio quarteto que introduziu no mundo do jazz os talentos do pianista Keith Jarrett, do baterista Jack DeJohnette e do contrabaixista Cecil McBee. A primeira gravação do conjunto foi um disco de estúdio, *Dream Weaver*, seguido de *Forest Flower: Live at Monterey* (1966). *Forest Flower* fez história por ter sido um dos primeiros álbuns de jazz a vender um milhão de cópias. O quarteto foi o primeiro grupo de jazz a aparecer no famoso Fillmore Auditorium em São Francisco, e noutros recintos dedicados ao rock, e a partilhar

o cartaz com nomes como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Cream, The Grateful Dead ou Jefferson Airplane.

Em 1967, com 29 anos, foi eleito “Jazz Artist of the Year” pelos críticos reunidos pela revista *Down Beat* e o quarteto foi convidado para uma digressão mundial. Na Europa, em Festivais como os de Montreux, Antibes, Molde, os concertos tiveram um enorme sucesso. As suas apresentações no Extremo Oriente, na União Soviética, nos países europeus do Bloco do Leste marcaram os primeiros contactos do público desses países com um grupo de jazz americano ao vivo. No pico da Guerra Fria, em 1967, os jornais da União Soviética davam grande ênfase ao facto de o quarteto ser o primeiro grupo de jazz americano que tocava na URSS por convite do povo soviético e não através de apoio governamental. O seu primeiro concerto foi em Tallinn, na Estónia, os subsequentes em Leninegrado e Moscovo.

Foi então que, no auge da sua carreira, Lloyd desfez o seu grupo e desapareceu, no início dos anos 1970, para seguir um caminho interior em Big Sur, uma pequena região no Sul da Califórnia em que a montanha se precipita sobre o mar e cuja beleza e isolamento atraíu diversos artistas como Robinson Jeffers, Langston Hughes, Henry Miller, Lawrence Ferlinghetti, Jack Kerouac, Jean Varda e Jamie DeAngulo.

Só em 1981 Lloyd quebrou o seu silêncio e recolhimento, quando um notável pianista francês, Michel Petrucciani (então com apenas 18 anos), chegou a Big Sur e Lloyd decidiu ajudar a dar a conhecer ao mundo este

músico magnífico. Fez digressões pela Europa e pelo Japão em 1982 e 1983 com Petrucciani no piano, Palle Danielsson no contrabaixo e Son Ship Theus na bateria. O crítico inglês de jazz Brian Case designou este retorno de Lloyd como “um dos eventos dos anos 80”. O grupo produziu uma edição especial de uma cassette, *Night Blooming Jasmine* e dois discos ao vivo, *Montreux '82* e *A Night in Copenhagen* que apresentava também Bobby McFerrin (este disco foi recentemente reeditado pela Blue Note). Satisfeito porque Petrucciani estava a começar a receber o reconhecimento que merecia, Lloyd voltou a retirar-se para Big Sur.

Em 1986, depois de ter sido hospitalizado em consequência de doença muito grave, Lloyd voltou a dedicar-se à música. Quando recuperou as forças recomeçou a compor. Em 1988 formou um novo quarteto com o reputado pianista sueco Bobo Stenson.

Em 1989, sete anos depois de ter feito o seu último álbum, Lloyd voltou ao estúdio para gravar *Fish Out of water* (1990) para a ECM. O projecto marcou o início de uma nova vaga de composições e gravações de Lloyd, sempre para a ECM, que prosseguiu com os álbuns *Notes From Big Sur* (1992), *The Call* (1994), *All My Relations* (1995), *Canto* (1997), *Voice in The Night* (1999), *The Water is Wide* (2000), *Hyperion With Higgins* (2001), *Lift Every Voice* (2002), *Which Way Is East* (2004), *Jumping the Creek* (2005), *Sagam* (2006).

Em 1997 voltou a Tallinn para comemorar o 30º aniversário da sua apresentação nessa cidade.

As pessoas vieram de centenas de quilómetros de distância para celebrarem este retorno à Estónia e foram-lhe oferecidas as chaves da cidade. O concerto foi, mais uma vez, um triunfo.

Quando Lloyd dedicou o seu álbum *Canto* ao seu amigo, o baterista Billy Higgins, Manfred Eicher sugeriu que Lloyd trouxesse Higgins para o próximo projecto. Em *Voice in the Night*, publicado em 1999, Lloyd juntou Higgins, o guitarrista John Abercrombie e o baixista Dave Holland. Higgins e Abercrombie permaneceram no grupo em *The Water is Wide*, o álbum seguinte, que contou ainda com as participações de Brad Meldhau e Larry Grenadier. *The Water is Wide* recebeu prémios e grandes elogios por todo o mundo. Para além de figurar em muitas listas americanas dos melhores discos do ano, foi considerado o disco de jazz de 2000 no Japão e na República Checa, ganhou vários prémios na Alemanha e a revista francesa *Jazzman* também o considerou como Disco do Ano.

A morte de Billy Higgins em Maio de 2001 foi uma tragédia para o saxofonista. Tinham-se conhecido em 1956, quando Lloyd estudava na Universidade e desde essa altura que era um amigo e colaborador muito próximo.

Apesar desse desgosto, o ano de 2001 acabou com nota alta para Lloyd com o concerto que deu, em Novembro, na Grace Cathedral de São Francisco, em duo com o grande percussionista e intérprete de tabla Zakir Hussain, quando ainda estava muito presente a memória dolorosa do 11 de Setembro. Juntos encontraram uma forma de

elevar os espíritos do público através da música. Este concerto, que fazia parte do Festival de Jazz de São Francisco, foi o primeiro do Festival a esgotar e foi a primeira vez na história do Festival que um concerto na catedral esgotou.

Em 2004 a ECM editou o último álbum que Lloyd e Higgins fizeram juntos, *Which Way Is East*, um único e extraordinário documento da sua criatividade musical e de uma amizade profunda e duradoura. *Which Way Is East* está também registado em vídeo e num documentário intitulado *Home*.

Charles Lloyd mantém uma intensa actividade ao vivo, com apresentações em Festivais e salas de concerto. Continua a trabalhar com Geri Allen e John Abercrombie, e por vezes apresenta-se num quinteto que os inclui. Também continua a realizar projectos especiais com Zakir Hussain. O seu último álbum para a ECM, *Sagam*, é um trabalho com Hussain e com o percussionista Eric Harland.

“A música é uma força que cura. Tem a faculdade de ultrapassar fronteiras, pode tocar directamente os corações, pode falar ao mais fundo do espírito, onde as palavras são desnecessárias. É a mais poderosa forma de comunicação e expressão da beleza”.

CHARLES LLOYD

(adaptado de [www.charleslloyd.com](http://www.charleslloyd.com))

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

DANÇA/PERFORMANCE MAIO SEX 4 · SÁB 5

# Para onde vai a luz quando se apaga?

De João Fiadeiro / RE.AL

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

“Eu nunca estive aqui, neste corpo. E se alguma vez estive, não me lembro. Aquilo que transporto, todos os dias, é uma “carçaça vazia”, que muito de vez em quando se enche com algum sentido quando alguém a olha. Esse olhar é que lhe dá vida e sem ele não existo. Ou melhor, existo em potência, na iminência de ser olhado, neste estado onde tudo pode acontecer e onde o mundo em tudo se pode tornar.”

JOÃO FIADEIRO, 09-2005

Leia no site da Culturgest, DERIVAS, uma crónica semanal de Augusto M. Seabra.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

© Patrícia Almeida / RE.AL 2006



# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

## ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

## EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral  
de Depósitos